

# Os discursos na constituição da criança com “problemas”

Regina Maria Freire\*

Pádua, M. G. O discurso médico, a função materna e a criança com “problemas” [dissertação]. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo; 2007. 250 f.

A dissertação de Michelle Gomes de Pádua, orientada por Leda Verdiani Tfouni, – lingüista com formação em psicanálise – fundamenta-se nas perspectivas teóricas da análise de discurso de orientação francesa e da psicanálise lacaniana para investigar, nos discursos das mães de crianças com problemas, as relações subjetivas constituídas a partir do diagnóstico do problema da criança, a fim de detectar se o funcionamento desses discursos anteciparia a criança como um ser patológico. Talvez se pudesse falar de relações subjetivas marcadas pela entrada de um Real na vida dessas mães que, embora emerja, aparentemente a partir do *diagnóstico*, está presente na fala daqueles que estão submetidos ao discurso da Medicina como é o caso de profissionais que atuam em reabilitação, desde o médico e sua equipe até os auxiliares de enfermagem, passando pelo assistente social, pela psicóloga hospitalar, pelos residentes, pela fisioterapeuta, enfim, por todos que encontram, no orgânico falhado, a justificativa para antecipar um futuro com problemas, para essa criança.

A autora ainda se propõe a observar a relação entre o discurso médico, a função materna e a criança com problemas. Sua proposta, bastante ambiciosa, foi sustentada por um perfil profissional que garantiu o delineamento de um espectro tão abrangente.

Pode-se creditar grande parte do seu trabalho à sua experiência ou melhor, à relação particular que a autora teceu com o que é da ordem do *especial*. Foi estagiária no Centro de Educação Especial para diagnóstico, recuperação e trabalho de Uberlândia que atende crianças e adolescentes com deficiên-

cias mental e física e do NAPS de Uberlândia. Trabalhou no setor de transplante e cirurgias do fígado do Hospital de Clínicas de Ribeirão Preto e hoje, atua em um hospital de Oncologia, no setor de Pediatria. Se isso justifica seu interesse pelo tema, mostra também o percurso do profissional e a dedicação a um grupo particular de sujeitos, articulados pelo sofrimento.

Os capítulos que estruturam a dissertação são bem escritos e suficientemente claros para deixar Lacan acessível aos menos iniciados. Delineiam, de forma eficaz, como os arcabouços teóricos – da psicanálise lacaniana e da análise de discurso de linha francesa – serão entretelados para sustentar a pesquisa. A redação é objetiva e a releitura dos conceitos psicanalíticos comparece corroborada por citações do próprio Lacan, indicando o entendimento de que o leitor está exposto a um jogo interpretativo e, dessa forma, lidando de forma ética com as várias leituras que podem emergir.

O primeiro capítulo esclarece conceitos psicanalíticos e delinea os fundamentos que darão sustentação ao seu trabalho. O segundo coloca, lado a lado, os discursos da medicina e da psicanálise, deixando claro o objeto de cada um, seus alcances e limites. O terceiro traz o diagnóstico e seus desdobramentos quando há a entrada de um Real.

Embora o quarto capítulo seja dedicado a explorar o arcabouço teórico da Análise de Discurso de Linha Francesa, o que mais me chamou a atenção foi a necessária e bem estruturada relação que a autora estabelece entre esse campo e a psicanálise. Responde a questões difíceis sobre as interfaces de inconsciente e ideologia. A síntese

\* Fonoaudióloga, professora titular da Faculdade de Fonoaudiologia e do PEPG em Fonoaudiologia da PUC-SP.

realizada é adequada e os conceitos psicanalíticos são desconstruídos de forma a deixar o leitor, menos familiarizado com a psicanálise, interessado e apaziguado. A metodologia de análise, claramente descrita, é acrescida de textos como o de Elisabeth Badinter sobre a ideologia da maternidade ou o de Maud Manonni sobre crianças com problemas, fechando questões e, ao meu ver, finalizando o que se teria a dizer sobre o assunto. Há coerência entre os autores utilizados nos vários capítulos que, por sua vez, dialogam entre si de maneira harmoniosa.

Os sujeitos de sua pesquisa são duas mães de crianças com três anos que receberam algum diagnóstico médico de deficiência, mal formação ou doença, submetidas, pela pesquisadora, a uma entrevista semi-estruturada. Há um roteiro prévio com o intuito de incitar as mães a falarem a respeito de aspectos relativos à entrada da doença na vida de seus filhos e delas.

Descreve a situação de coleta, a construção do *corpus* e a execução dos recortes de forma a permitir que outros pesquisadores ousem segui-la em análises similares.

Sua proposta: escutar os discursos significando não só o dito mas os silêncios, as hesitações, os esquecimentos ou, nos dizeres da autora, buscar indícios nos próprios significantes produzidos. O pressuposto é de que antes de nascer há uma pré-história que, como tal, antecede a criança e produzirá marcas constituintes de um lugar para ela, na cultura e no simbólico.

Seus achados apontam que as mães estão presas a um discurso imaginário dominante que fala de uma criança perfeita. O diagnóstico, antes ou após o nascimento, pode interromper ou modificar o investimento da mãe em relação ao filho pelo sofrimento e decepção de não ter gerado a criança de seus sonhos. Esse diagnóstico gera efeitos na mãe, impedindo que esta antecipe o filho como capaz de determinadas produções por ter sido colocado no lugar do “deficiente”, do “especial” e do “diferente”.

No entanto, convém ressaltar, que a marca que os significantes “diferente”, “anormal” e outros que tais, vão imprimir sobre o sujeito, irá variar de caso para caso e depender do sentido que cada mãe atribui à fala do médico, da história da família, da fantasmática materna e da escolha do sujeito. Sim, porque há sempre um sujeito que se posiciona de maneira eletiva frente ao Outro, construindo sua história. Por fim, a bibliografia percorrida mos-

tra-se relevante e aprofunda os questionamentos colocados ao longo da dissertação.

Para finalizar, recomendo vivamente a leitura deste trabalho, não só por fonoaudiólogos interessados na psicanálise e na análise de discurso, mas, principalmente, por aqueles que lidam com a diferença e seus efeitos, tanto na clínica como nas relações familiares.